

# Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

27 de janeiro a 03 de fevereiro de 2023 | [www.abbc.org.br](http://www.abbc.org.br)



## Com surpresa

O Copom manteve a Selic em 13,75% a.a.. Ainda que o balanço de risco para a inflação permanecesse simétrico, sublinhou que houve uma deterioração nas estimativas de inflação de prazos mais longos que, conjugada com as incertezas no âmbito fiscal, demandaria uma maior atenção na política monetária. Avaliará a estratégia de manutenção da taxa básica de juros por um período mais prolongado do que o utilizado no cenário de referência para assegurar a convergência da inflação, não hesitando em retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como esperado. Como surpresa, apresentou um cenário alternativo, com a manutenção da Selic em 13,75% a.a., onde as projeções de inflação seriam de 5,5% para 2023, de 3,1% para o 3º trimestre de 2024 e de 2,8% para o fim de 2024, compatíveis com as metas no horizonte relevante. Contemplando parcialmente o teor mais duro do comunicado, a mediana das projeções do Boletim Focus para a Selic ao final de 2023 permaneceu em 12,50% a.a., porém com o adiamento da flexibilização de setembro para outubro, quando se reduziria de 13,75% a.a. para 13,00% a.a., enquanto para o final de 2024, a projeção aumentou 0,25 p.p. para 9,75% a.a.. O mercado futuro de juros também reagiu, elevando os prêmios ao longo da curva, de modo que a taxa real de juros *ex-ante* de 1 ano aumentou em 0,18 p.p. no período para 7,64% a.a., adentrando ainda mais em terreno contracionista. A diminuição do ritmo do aperto da política monetária nos EUA favoreceu temporariamente o apetite de risco, reduzindo a probabilidade de uma recessão. Contudo, a divulgação de uma geração líquida de empregos em janeiro muito acima da esperada, reverteu o processo, fortalecendo a hipótese de que a taxa de juros terminal seja mais elevada e de que o ciclo seja mais extenso. Assim, na semana, o *Dollar Index* subiu 0,97% e o índice das moedas emergentes caiu -0,62%. Com redução de -0,7% em 2022, o desempenho da produção industrial deve continuar desfavorável com a desaceleração já contratada da atividade. Em dezembro, o Caged registrou um fechamento líquido de -431,0 mil vagas formais de trabalho. Apesar da sazonalidade, o resultado foi pior do que o esperado e as contratações tendem também a se reduzir. A Dívida Bruta do Governo Geral ficou em 73,5% do PIB em dezembro, o que representou uma queda de -4,8 p.p. no ano, explicada pelo crescimento do PIB nominal (-7,5 p.p.), resgates líquidos de dívida (-4,5 p.p.) e pela incorporação de juros nominais (+7,5 p.p.). Para esta semana, destaques para as divulgações do IPCA, IGP-Di, PMC, PMS e produção de veículos.

## Expectativas

### Inflação – Mediana das Projeções

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	03/02/2023	Ult. Semana	Há 4 semanas
jan/23	0,55	0,55	0,50
fev/23	0,80	0,79	0,70
mar/23	0,59	0,58	0,49
2023	5,78	5,74	5,36
2024	3,93	3,90	3,70
2025	3,50	3,50	3,50

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

No Boletim Focus, a mediana do IPCA de janeiro ficou estável em relação à semana anterior em 0,55%. Para fevereiro e março houve altas de 0,01 p.p. para, respectivamente, 0,80% e 0,59%. A expectativa para 2023 avançou em 0,04 p.p. para 5,78% e a de 2024 saiu de 3,93% para 3,90%. Por fim, as de 2025 e 2026 permaneceram em 3,50%. Resumindo, apesar da baixa oscilação, as projeções mostram uma desancoragem em relação às metas de inflação. Incorporando o prêmio de risco na negociação de títulos públicos, a inflação implícita esperada para os próximos 12 meses recuou -0,05 p.p. na semana para 6,63%. Contemplando parcialmente o teor mais duro da mensagem da reunião do Copom, a mediana das projeções para Selic ao final de 2023 permaneceu em 12,50% a.a.. Porém, ao invés de setembro, indicado no levantamento anterior, a queda da taxa só ocorreria a partir da reunião de outubro, quando se reduziria de 13,75% a.a. para 13,00% a.a.. Já para o final de 2024, a projeção aumentou 0,25 p.p. para 9,75% a.a. em 2024, enquanto a de 2025 elevou-se em 0,50 p.p. para 9,00% a.a., continuando em 8,50% a.a. em 2026. Mesmo com o cenário de desaceleração da atividade, a mediana das projeções para o crescimento do PIB manteve-se praticamente estável, com a de 2023 recuando apenas -0,01 p.p. para 0,79% e permanecendo estável em 1,50% para 2024, em 1,89% em 2025 e em 2,00% em 2026. No âmbito fiscal, a expectativa para o resultado primário, em relação ao PIB, seguiu com um déficit estimado de -1,10% para 2023 e de -1,00% para 2024, enquanto para 2025 saiu de -0,45% para -0,50% e para 2026 de -0,30% para -0,29%. Com relação à dívida líquida do setor público, a projeção: para 2023 aumentou 0,05 p.p. para 61,45% do PIB; para 2024 recuou -0,01 p.p. para 64,38% do PIB; para 2025 caiu -0,10 p.p. para 66,60% do PIB; e para 2026 diminuiu -1,16 p.p. para 68,10% do PIB. Por fim, a cotação do câmbio para o final de período se manteve em R\$/US\$ 5,25 para 2023 e em R\$/US\$ 5,30 para 2024, 2025 e 2026.

## Aversão ao Risco

### Bolsas Internacionais

Bolsas	03/02/2023	Variação		
		Semana	Mês	12 meses
Bovespa	108.523	-3,4%	3,0%	-2,8%
Nasdaq	12.007	3,3%	14,8%	-13,5%
S&P	4.136	1,6%	7,4%	-7,6%
Dow Jones	33.926	-0,2%	2,0%	-3,4%
Nikkei 225	27.509	0,5%	7,0%	1,0%
Xangai	3.263	0,0%	4,5%	-2,9%

A semana iniciou com uma melhora na demanda por ativos de maior risco, com os mercados reagindo positivamente às decisões de política monetária nos principais Bancos Centrais (BC) que reforçariam o compromisso com o controle de preços. Na Zona do Euro e na Inglaterra, as altas de 0,50 p.p. vieram em linha com que se esperava.

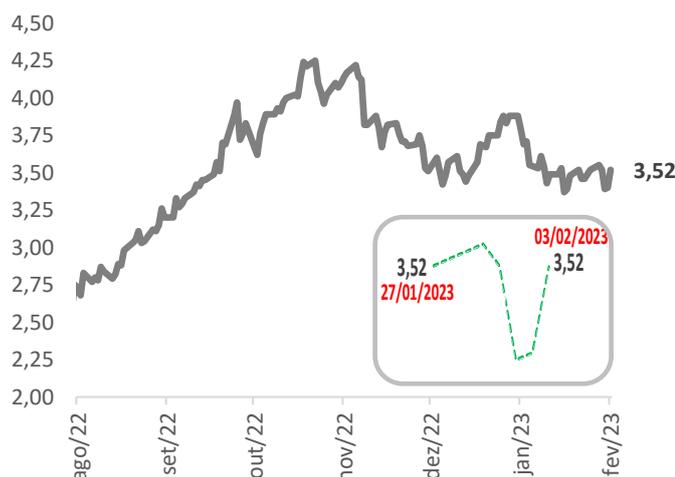
Apesar da reação inicial favorável à diminuição no ritmo de alta da taxa de juros para 0,25 p.p. nos EUA, houve uma reversão do quadro com a divulgação, na 6ª feira, de uma criação líquida de empregos em janeiro muito acima das projeções. Os dados indicaram um mercado de trabalho ainda aquecido, fortalecendo a hipótese de que a taxa de juros terminal seja mais elevada e de que o ciclo seja mais extenso. Assim, ao final da semana, o dólar apreciou-se em relação aos seus pares e o retorno das T-Notes elevou-se.

O retorno das T-notes de 10 anos que chegou a alcançar a 3,39% a.a. na quarta-feira (01/02), acabou subindo 0,04 p.p. na semana para 3,52% a.a.. As principais bolsas internacionais registraram ganhos, com destaques para as altas de 3,3% na Nasdaq e de 1,6% na S&P. A exceção ficou com o Dow Jones, índice mais sensível à taxa de juros, com uma ligeira queda de -0,2%.

A cotação do barril de petróleo tipo Brent encerrou em US\$ 79,73, o que representou uma queda de -8,00% na semana. Com relação à commodity, vale ressaltar a alta no estoque nos EUA para o maior nível desde jun/21 e a decisão da OPEP+ em manter seu cronograma de corte mensal da produção, anunciado em outubro.

Ainda sob as incertezas da trajetória fiscal, o Ibovespa recuou -3,4% na semana com a desvalorização das cotações das commodities. Por fim, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -10,4 bps. no período para 221,9 bps..

### T-Note 10 anos (% a.a.)



### Petróleo

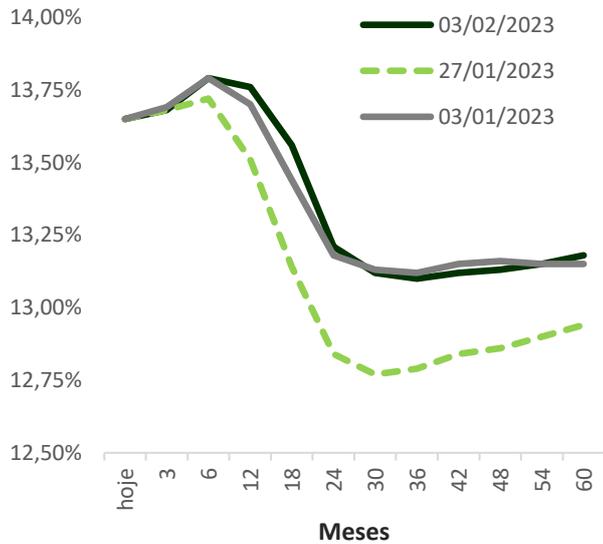
#### Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

## Taxa de Juros

### Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Com os ruídos na comunicação do governo, mas principalmente com o teor do comunicado da reunião do Copom e a deterioração na aversão ao risco na sexta-feira, houve uma considerável elevação nos prêmios de riscos ao longo da estrutura a termo da taxa de juros. Assim, observaram-se altas de 0,25 p.p. no vértice de 1 ano, de 0,37 p.p. no de 2, de 0,31 p.p. no de 3, de 0,27 p.p. no de 4 e de 0,24 p.p. no de 5 anos.

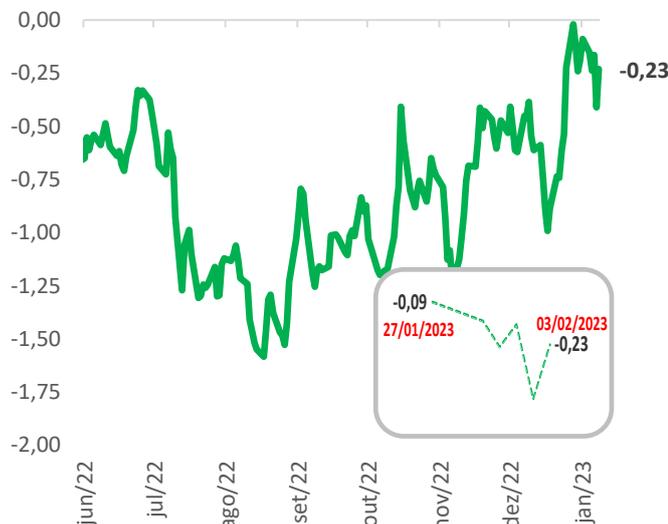
Com a elevação de 0,25 p.p. da taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias para 13,76% a.a. e a alta de 0,06 p.p. na inflação esperada para os próximos 12 meses para 5,69%, a taxa real de juros *ex-ante* aumentou em 0,18 p.p. no período para 7,64% a.a., adentrando em terreno ainda mais contracionista. Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas pre de 10 anos e de 1 ano dos títulos negociados na Anbima recuou -0,14 p.p. na semana para -0,23 p.p..

### Taxa Real de Juros *ex-ante* (a.a.)



### Spread da Taxa de Juros

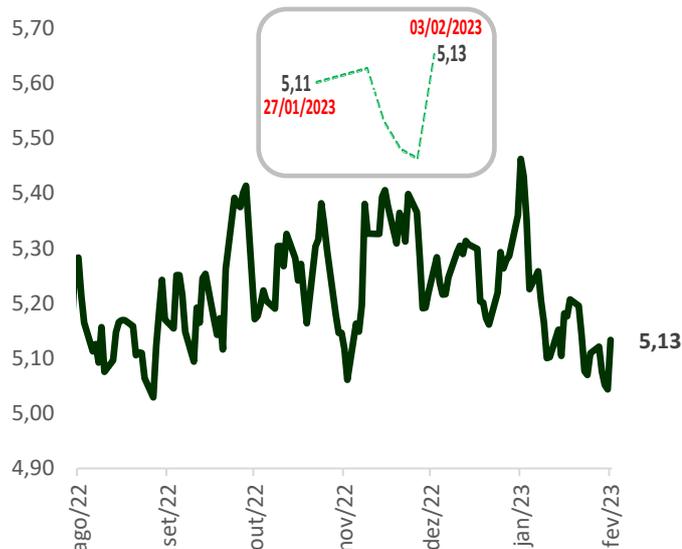
#### Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3/Anbima. Elaboração ABBC

## Câmbio

### Real/US\$



O dólar esboçou uma depreciação após a decisão do *Federal Reserve* (Fed) em diminuir o ritmo de aperto monetário, contudo, os dados mais fortes do mercado de trabalho nos EUA ajudaram a moeda encerrar a semana em alta, tanto em relação às moedas dos países desenvolvidos, quanto às dos emergentes.

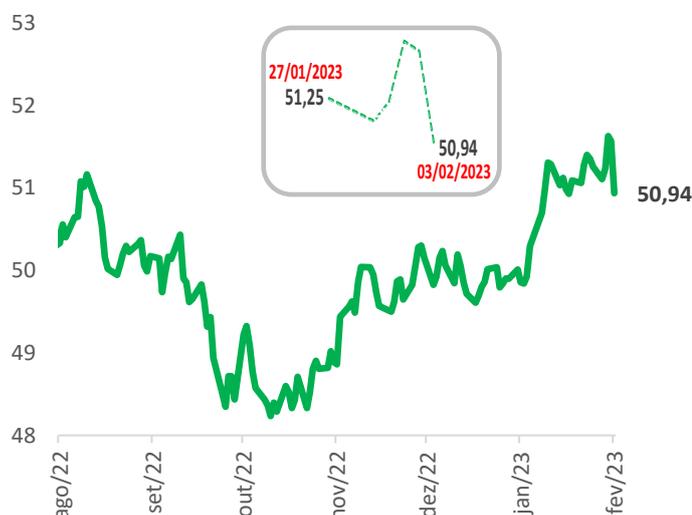
Na semana, o *Dollar Index*, que calcula o desempenho da divisa norte-americana frente às de países desenvolvidos, subiu 0,97%, com destaques para as depreciações de 2,70% na libra esterlina e de 0,68% no euro. Em linha com esse movimento e alavancado também pelas quedas nas cotações das *commodities*, o índice que mede a variação de uma cesta de moedas dos países emergentes em relação ao dólar recuou -0,62% no mesmo período, com destaques para as depreciações 1,30% no peso argentino, de 1,08% no peso mexicano e de 0,12% na lira turca.

Chegando a ser negociado abaixo de R\$ 5,00, o dólar fechou a semana cotado a R\$ 5,13, com o real depreciando-se em 0,47%. Por fim, o Banco Central atuou no mercado cambial somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/03/2023.

### Dollar Index



### Índice de Emergentes\*



\*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

## Copom – Jan/23

### Cenários Copom

	IPCA		
	2023	3T24	2024
<b>Cenário de Referência*</b>	5,7%	3,6%	3,9%
<b>Cenário Alternativo **</b>	5,5%	3,1%	2,8%

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

### Balanco de Risco para a Inflação

#### Baixista

Queda adicional nos preços das commodities

Desaceleração da atividade econômica global

#### Altista

Persistência das pressões inflacionárias globais

Incertezas sobre o futuro do arcabouço fiscal

Hiato do produto mais estreito, sobretudo o mercado de trabalho

Em seu comunicado, o Copom ressaltou que o balanço de risco permanece simétrico. Como fatores de risco de alta destacou: (i) uma maior persistência das pressões inflacionárias globais; (ii) a ainda elevada incerteza sobre o futuro do arcabouço fiscal do país e estímulos fiscais que implicam sustentação da demanda agregada, parcialmente incorporados nas expectativas de inflação e nos preços de ativos; e (iii) um hiato do produto mais estreito do que o utilizado em seu cenário de referência, em particular no mercado de trabalho. Já os de baixa, indicou (i) uma queda adicional dos preços das commodities internacionais em moeda local; (ii) uma desaceleração da atividade econômica global mais acentuada do que a projetada; e (iii) a manutenção dos cortes de impostos projetados para serem revertidos em 2023.

Apesar de que o balanço não apresentasse alterações relevantes que indicassem uma alteração desse quadro, o Copom sublinhou que, em relação ao último encontro, houve uma deterioração nas estimativas de inflação de prazos mais longos que conjugada com as incertezas no âmbito fiscal, demandaria maior atenção na condução da política monetária e elevaria o custo da desinflação necessária. Desse modo, reforçou a mensagem de que irá perseverar até que sejam consolidados o processo de desinflação e a ancoragem das expectativas em torno das metas. Avaliará a estratégia de manutenção da taxa básica de juros por um período mais prolongado do que o utilizado no cenário de referência para assegurar a convergência da inflação, não hesitando em retomar

o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como esperado.

Com isso passou a apresentar um cenário alternativo, no qual a Selic de 13,75% a.a. é mantida constante ao longo do horizonte relevante para a política monetária, que inclui hoje os anos de 2023 e, em grau maior, de 2024. Como resultado, as projeções de inflação seriam de 5,5% para 2023, de 3,1% para o 3º trimestre de 2024 e de 2,8% para o fim de 2024. No cenário de referência, que parte da premissa da trajetória da Selic apontada no Boletim Focus, que previa um corte de juros no 2º semestre, terminando o ano em 12,5% a.a., as projeções de inflação seriam de 5,6% para 2023, de 3,6% para o 3º trimestre de 2024 e de 3,6% para 2024.

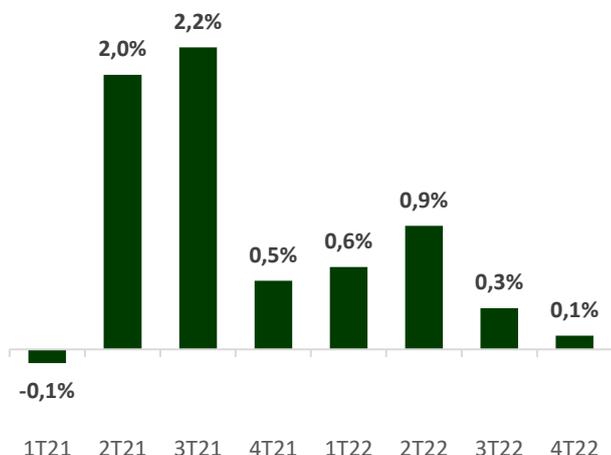
Ao que parece a piora nas projeções de inflação do Banco Central fundamentou-se pela percepção de uma evolução fortemente desfavorável na trajetória fiscal que tenha efeito excessivo na demanda agregada, nas expectativas de inflação e nos preços de ativos que poderia ser amenizada, dependendo do que ocorrer com a proposta de reforma tributária e do novo arcabouço fiscal que serão apresentados pelo governo. Do lado positivo, são observados alguns sinais que favoreceriam a desinflação, como a desaceleração da inflação global, a abertura do hiato do produto local e o impacto da recuperação da atividade com reabertura na China nas cotações das commodities e nos preços dos ativos domésticos.

\***Cenário de referência:** a trajetória para a taxa de juros é extraída da pesquisa Focus e a taxa de câmbio parte de USD/BRL 5,15, evoluindo segundo a paridade do poder de compra (PPC). O preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura pelos próximos seis meses e passa a aumentar 2% ao ano posteriormente. Além disso, adota-se a hipótese de bandeira tarifária "amarela" em dezembro de 2023 e de 2024. O valor para o câmbio é obtido pelo procedimento usual de arredondar a cotação média da taxa de câmbio USD/BRL observada nos cinco dias úteis encerrados no último dia da semana anterior à da reunião do Copom.

\*\***Cenário alternativo:** a taxa Selic é mantida constante ao longo de todo o horizonte relevante.

## Internacional

### Zona do Euro – PIB Variação Trimestral Em relação ao período anterior – dessazonalizado



Fonte: Eurostat. Elaboração ABBC

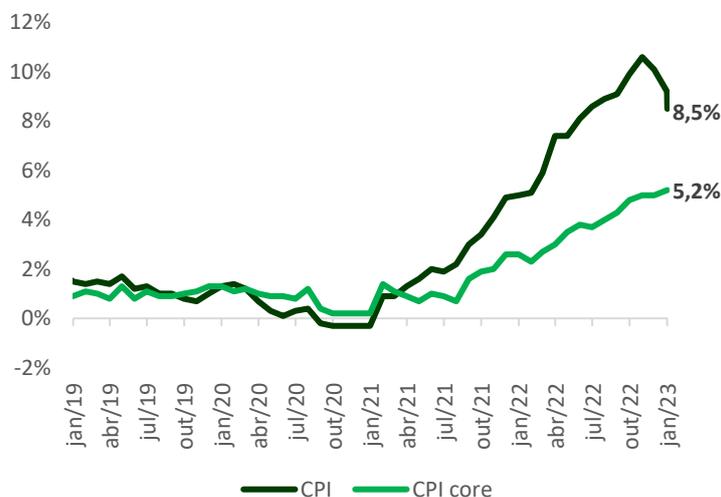
Em uma semana marcada pelas várias reuniões de política monetária, as decisões vieram em linha com as esperadas pelo mercado.

O Fed dos EUA diminuiu o ritmo de alta da taxa de juros de 0,50 p.p. para 0,25 p.p., com a taxa fechando entre 4,50% e 4,75% a.a.. A decisão adequou-se ao recente arrefecimento da inflação em 12 meses e ao entendimento de que há uma desaceleração no ritmo de crescimento da economia. Contudo, esse posicionamento foi colocado em xeque com a pujança apresentada pelo mercado de trabalho.

Os dados do *payroll* registraram a criação líquida de 517 mil vagas de emprego em janeiro, bem acima dos 186 mil esperados pelo mercado, ratificando a percepção das condições apertadas para esse fator. Sem alteração desse cenário, a taxa de juros permaneceria em nível elevado por um período mais longo do que o antecipado pelos analistas. Ademais, cresceram as apostas de que a taxa final ficaria entre 5,00% e 5,25% a.a., como sinalizado na reunião de dezembro.

Na Zona do Euro, o Banco Central Europeu (BCE) subiu a taxa de juros em 0,50 p.p., com as taxas de empréstimos, refinanciamento e depósito indo para 3,25% a.a., 3,00% a.a. e 2,50% a.a., respectivamente. Com a inflação anual elevada e a subjacente com fortes pressões, o BCE sinalizou uma nova alta de 0,50 p.p. para a próxima reunião, enfatizando sua determinação de aprofundar seu aperto monetário até que a taxa adentre em território restritivo.

### Zona do Euro – Inflação Pessoal em 12 Meses CPI (Consumer Price Index)



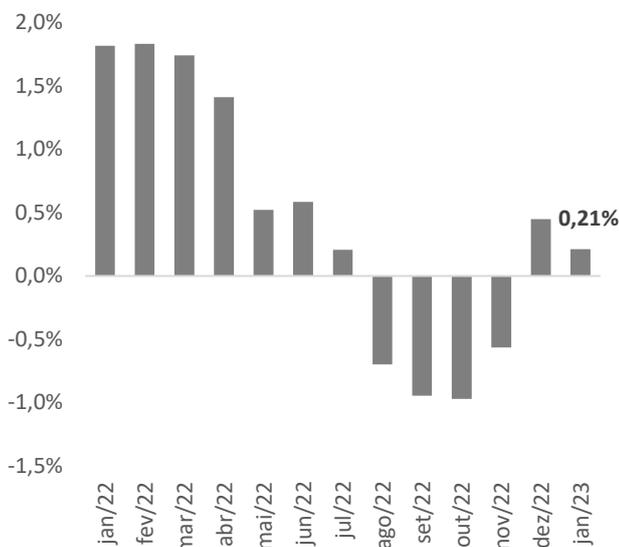
Ademais, o comitê informou que irá iniciar a redução de sua carteira de ativos do programa de compra de títulos em cerca de EUR 15 milhões por mês até o fim de junho de 2023.

Ainda na Zona do Euro, a inflação anual do consumidor (CPI) desacelerou em janeiro, saindo de 9,2% a.a. em dez/22 para 8,5% a.a., ficando abaixo do esperado (9,0% a.a.). Embora em desaceleração, o indicador ainda se encontra em patamar historicamente elevado e a medida de núcleo em 12 meses ficou estável em 5,2% na passagem de dezembro para janeiro. Na mesma base de comparação, os destaques ficaram para as altas de 17,2% nos preços de energia, de 14,1% de alimentação, álcool e tabaco, de 6,9% de bens industriais e de 4,2% de serviços.

Também com alta de 0,50 p.p., o Banco Central da Inglaterra (BoE) elevou sua taxa básica de juros para 4,0% a.a., conforme esperado. Na decisão, 7 de 9 membros votaram pela elevação e 2 pela manutenção. Corroboraram a decisão, a inflação que segue elevada e o mercado de trabalho ainda apertado. O comitê ainda espera os efeitos das altas realizadas ao longo de 2021, contudo não descartam novas elevações, a depender do comportamento dos indicadores. A previsão é de que a taxa de juros termine o ciclo de aperto em 4,50% a.a.

## IGP-M – Jan/23

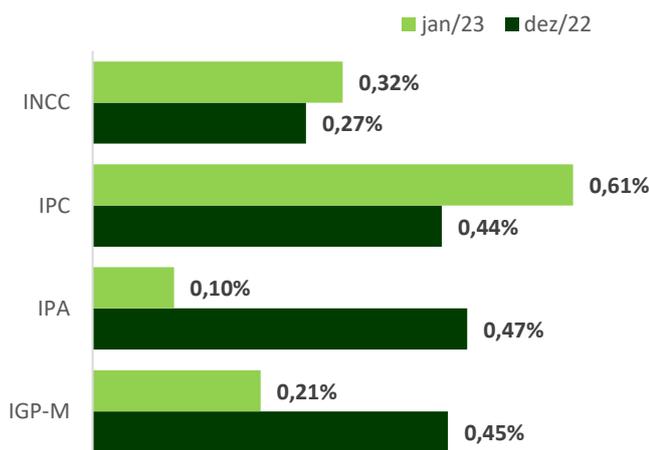
### Variação Mensal



Em janeiro, o IGP-M registrou uma alta mensal de 0,21%, abaixo da expectativa de 0,29% e do 0,45% observado em dez/22. Com isso, o indicador mostrou uma desaceleração, saindo de 5,5% a.a. em dez/22 para 3,8% a.a. (16,9% a.a. em jan/22).

Representando 30% do indicador, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) subiu 0,61% após ter uma alta de 0,44% dez/22, com uma elevação de 0,79% no subgrupo de comunicação por conta dos reajustes de escolas e cursos, de 0,61% para a alimentação, de 0,60% para transportes e de 0,56% para saúde e cuidados pessoais. Assim, a variação anual do IPC acelerou ligeiramente de 4,3% a.a. em dez/22 para 4,5% (9,3% a.a. em jan/22).

### Variação Mensal Por grupo



Representando 60% do IGP-M, o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) subiu 0,10% no mês contra uma alta de 0,47% em dez/22. Na abertura por estágio de produção, o grupo matérias primas brutas registrou uma elevação de 1,55% em janeiro, refletindo as altas de 9,26% no minério de ferro e de 0,65% em bovinos. Os preços dos bens finais recuaram -0,05% e os bens intermediários caíram -1,06%, refletindo principalmente a queda de -5,05% em combustíveis e lubrificantes para a produção. Dessa forma, o IPA acumulou uma alta de 3,0% a.a. em janeiro contra 5,3% a.a. em dez/22 (19,3% a.a. em jan/22).

Por fim, com participação de 10% no indicador total, o Índice Nacional da Construção Civil (INCC) terminou janeiro com um crescimento de 0,32%, refletindo uma alta de 0,77% no preço da mão-de-obra e uma retração de -0,12% em materiais e serviços. Sendo assim, a variação anual do INCC vem se reduzindo, encerrando com uma elevação de 9,1% a.a. ante 9,4% em dez/22 (13,7% a.a. em jan/22).

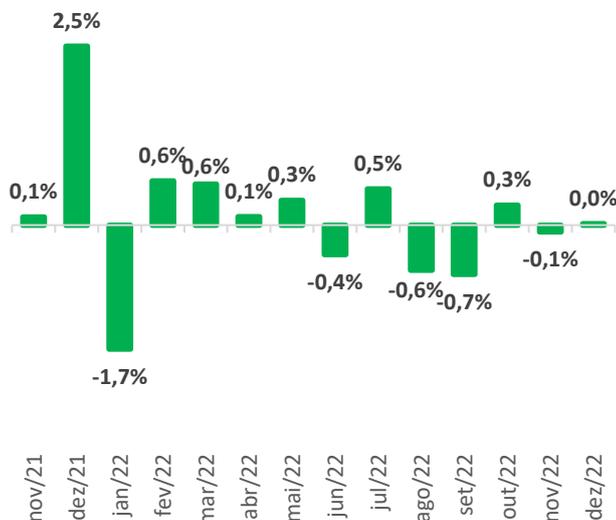
### Evolução Anual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

## Produção Industrial Mensal - Dez/22

### Variação Mensal Com ajuste sazonal

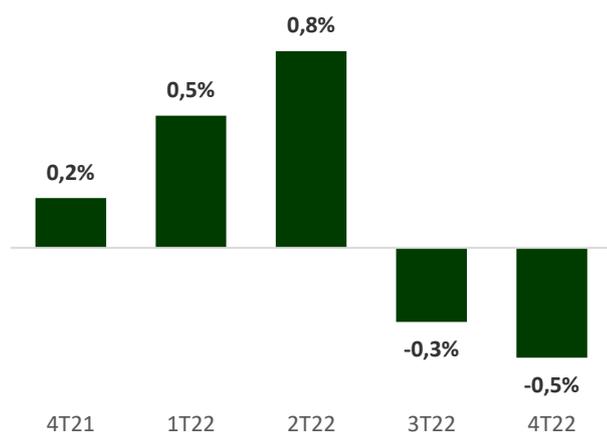


Após recuar -0,1% em nov/22, a produção industrial ficou estável em dezembro na série livre de influências sazonais. A queda foi de -1,3% na comparação interanual e de -0,7% no acumulado de 2022 (+3,9% em 2021). Assim, em dezembro, a produção encontrava-se -2,2% abaixo do nível pré-pandemia (fev/20) e -18,5% do pico da série (mai/11).

Na comparação trimestral com ajuste sazonal, o 4T22 encerrou com uma retração de -0,5%, depois de recuar -0,3% no 3T22 e subir 0,8% no 2T22.

No mês, a indústria extrativa mineral registrou uma queda de -1,1% (-1,7 em nov/22), enquanto a de transformação cresceu 0,3% (0,2% em nov/22). Por categorias, houve uma queda alta de -2,1% para bens intermediários (+0,3% em nov/22) e um aumento de 1,8% para bens de capital (+0,8% em nov/22), de 4,1% em bens duráveis (-0,7% em nov/22) e de 3,2% em semiduráveis e não duráveis (+0,8% em nov/22).

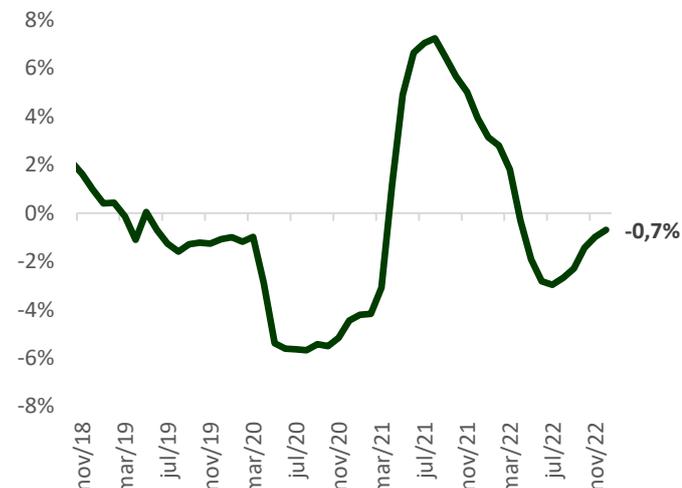
### Variação Trimestral Com ajuste sazonal



Finalmente, a queda de -0,7% em 2022 foi muito disseminada no setor, atingindo todas as 4 grandes categorias econômicas, além da maioria dos ramos (17 de 26), dos grupos (54 de 79) e dos produtos (62,4% dos 805 pesquisados).

Para o IBGE, o fraco desempenho da indústria em 2022 ocorreu mesmo graças às medidas de incremento da renda, como a antecipação do 13º para aposentados e pensionistas, liberação do FGTS, adoção de medidas de estímulo ao crédito, Auxílio-Brasil e o auxílio concedido aos caminhoneiros. Ao longo do 2º semestre, a resposta a essas iniciativas perdeu intensidade. As encomendas passaram a ser mais impactadas pelo comportamento na demanda, com as restrições na renda disponível das famílias por causa da elevação dos custos de crédito em um contexto de alto endividamento e do nível da inflação de alimentos, sem se esquecer das incertezas que influenciam as decisões de consumo e investimento.

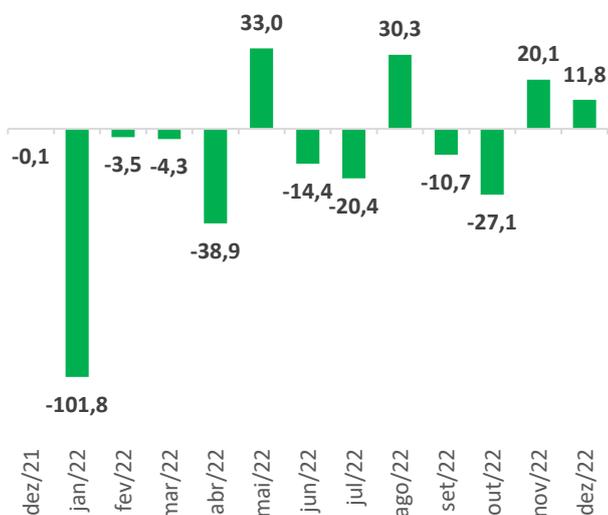
### Variação Anual Acumulada em 12 meses



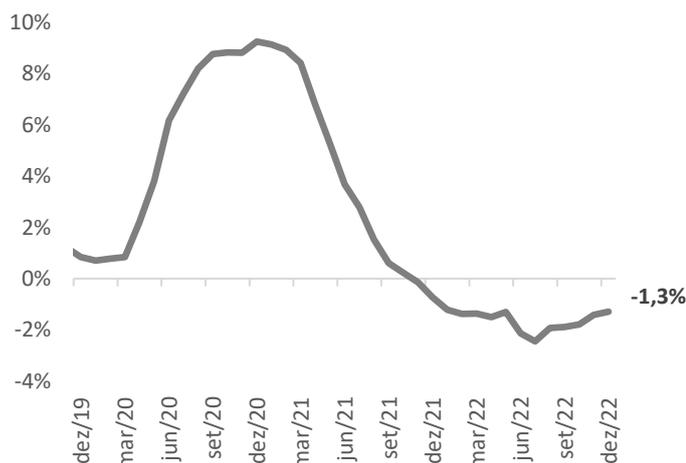
Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

## Fiscal - Dez/22

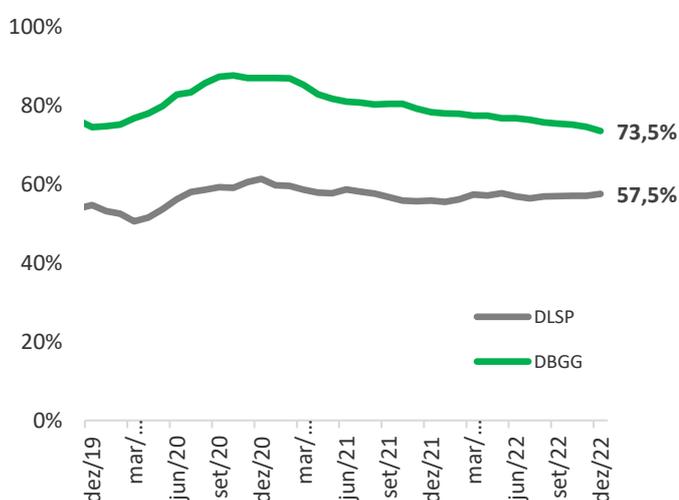
### Déficit Primário Mensal Em R\$ bilhões



### Déficit Primário Acumulado em 12 meses - em relação ao PIB



### Dívida Bruta e Líquida Acumulada em 12 meses - em relação ao PIB



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Em dezembro, o setor público consolidado apresentou um déficit primário de R\$ -11,8 bilhões, composto pelos superávits de R\$ 6,2 bilhões do governo central e de R\$ 0,6 milhão das estatais e pelo déficit de R\$ -18,1 bilhões dos governos regionais. Com isso, o setor público encerrou 2022 com um superávit primário acumulado de R\$ 126,0 bilhões ante R\$ 64,7 bilhões no acumulado de 2021. Apesar da deterioração recente, o superávit primário encerrou o ano em 1,3% do PIB, o que representou uma melhora de 0,6 p.p. em relação a dez/22 e o melhor resultado desde 2011.

Com a elevação do custo da dívida por causa do aperto monetário, os gastos acumulados no ano de 2022 com juros pagos pelo setor público foram de R\$ 586,4 bilhões, com uma alta de 30,8% em relação a dez/21. No que tange a proporção do PIB, essas despesas subiram 0,9 p.p. em 2022 para 6,0%. Com isso, o déficit nominal acumulado em 12 meses totalizou R\$ -460,4 bilhões em 2022, o que representou uma elevação de 20,0% ou -4,7% do PIB (-4,3% em dez/21).

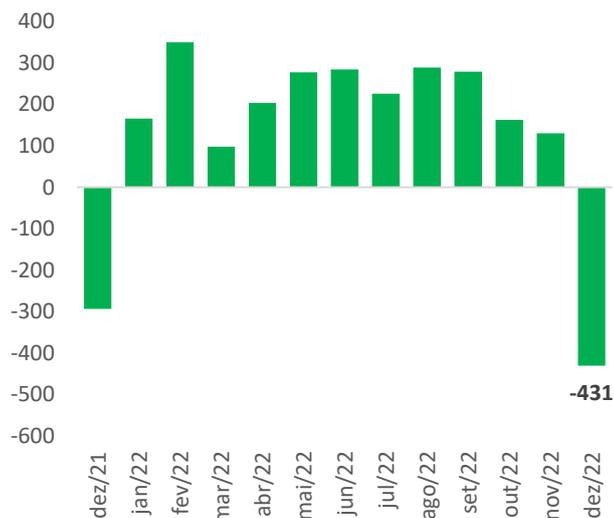
A Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) encerrou 2022 em 57,5% do PIB, com uma alta de 1,7 p.p. em 12 meses. A elevação no ano contou com as contribuições dos juros apropriados (+6,0 p.p.), da variação da paridade da cesta de moedas que integram a dívida externa (+1,4 p.p.), do efeito da apreciação de 6,5% do real nas reservas (+1,0 p.p.), do crescimento do PIB nominal (-5,3 p.p.) e do superávit primário (-1,3 p.p.).

Já o saldo da Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) ficou em 73,5% do PIB, o que representou quedas de -1,1 p.p. no mês e de -4,8 p.p. no ano. Essa redução em 2022 é explicada pelo crescimento do PIB nominal (-7,5 p.p.), resgates líquidos de dívida (-4,5 p.p.) e pela incorporação de juros nominais (+7,5 p.p.).

## Caged – Dez/22

### Saldo Mensal

Em milhares de pessoas

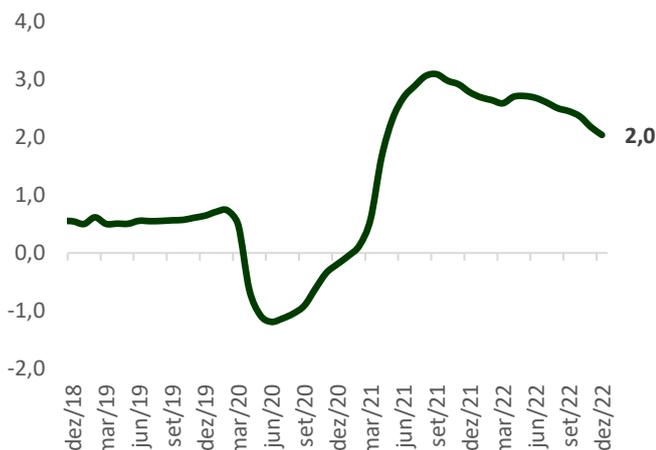


Em dezembro, o Caged registrou um fechamento líquido de -431,0 mil vagas formais de trabalho, decorrente de 1.382,9 mil admissões e 1.813,9 mil desligamentos. Apesar da sazonalidade, o resultado foi pior do que o esperado, de modo que todos os setores apresentaram fechamento de postos, com destaques para: serviços (-165,2 mil); indústria de transformação (-113,0 mil) e construção civil (-74,5 mil).

Em 2022, considerando as declarações fora do prazo, foram criadas 2.037,9 mil vagas de emprego ante 2.776,7 mil no ano anterior. No ano, ressaltam-se os desempenhos dos setores de: serviços com a geração líquida de 1.104,1 mil postos de trabalho, comércio com 350,1 mil vagas, com ambos influenciado pela recuperação da atividade econômica e reabertura dos mercados com o controle da pandemia. Ainda, destaques para as criações de 271,3 mil vagas na indústria de transformação, 194,4 mil na construção civil e de 65,1 mil na agropecuária.

### Saldo Acumulado em 12 Meses

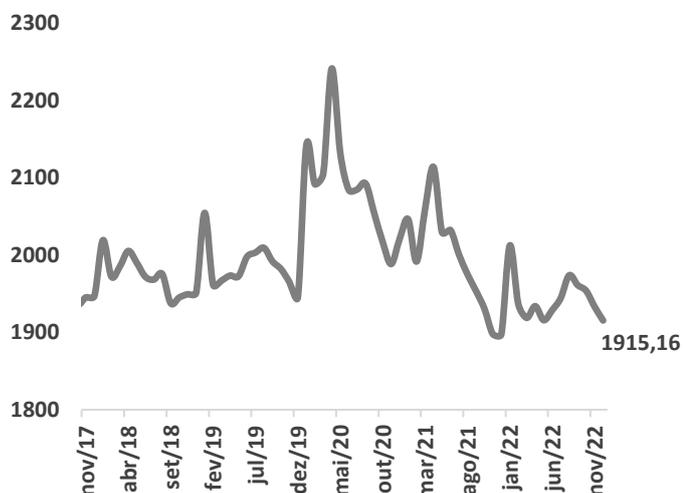
Em milhões de pessoas



Ainda em dezembro, o saldo de trabalho intermitente foi de 7,5 mil vagas, fruto de 24,3 mil admissões e 16,8 mil demissões, acumulando um saldo de 84,2 mil postos gerados em 2022. Já no regime de tempo parcial, foram registradas 11,7 mil contratações e 23,9 mil desligamentos, totalizando uma perda líquida de -12,2 mil postos em dezembro, acumulando um total de 30,8 mil vagas no ano. Ainda no mês, ocorreram 16,2 mil desligamentos mediante acordo entre empregador e empregado, sendo que 60 realizaram mais de um acordo. No ano, aconteceram 221,4 mil desligamentos mediante acordo.

### Salário de Admissão

Valor médio deflacionado pelo INPC – em R\$



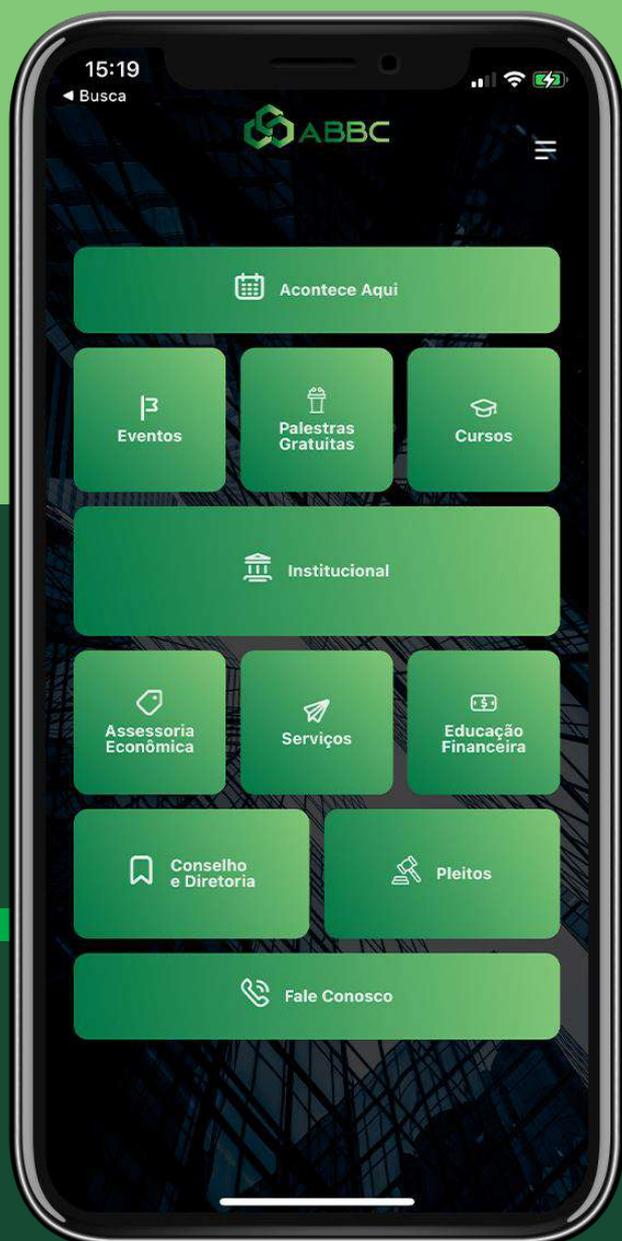
Por fim, o salário médio de admissão, deflacionado pelo INPC, encerrou 2022 em R\$ 1.915,16, o que representou uma queda de -0,2% na margem, porém com uma alta de 6,9% em relação a dez/21, mas -7,6% abaixo de fev/20. Para 2023, espera-se um desempenho abaixo de 2022, dado o impacto do aperto da política monetária na desaceleração do crescimento da economia.

Fonte: Caged. Elaboração ABBC

## Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
<b>Atividade, Inflação e Juros</b>					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	3,0	0,8
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	14,0	8,4
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	8,0	8,6
IPCA (% a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	5,8	5,3
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	5,5	4,6
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75
<b>Setor Externo e Câmbio</b>					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,4	62,3	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-55,7	-46,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,29	5,30
<b>Fiscal</b>					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,2
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	57,5	62,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	73,5	77,0

Atualização do cenário: 06/02/23



## Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO  
**Google Play**



Disponível na  
**App Store**



## Assessoria Econômica



[abbc.org.br](http://abbc.org.br)  
[assessoriaeconomica@abbc.org.br](mailto:assessoriaeconomica@abbc.org.br)



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156  
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –  
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688